

## **90 ANOS DO QUILOMBO PORTÃO DO GELO: processos educativos, enfrentamentos e resistências no contexto de pandemia**

Maria Sandra Montenegro Silva Leão<sup>1</sup>  
Auxiliadora Maria Martins da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo é o resultado de um trabalho de extensão, realizado no quilombo do Portão do Gelo, através do qual surgiram experiências transformativas que colocaram em destaque a importância cultural, política e educativa deste espaço. Através de diversas atividades, tornou-se possível compreender a força que o quilombo desenvolve para sobreviver, assim como a relevância da resistência de seus membros contra o racismo estrutural, institucional e religioso, empreendendo ações pela valorização da cultura negra. A atividade dialogou com a perspectiva teórica decolonial. O campo metodológico se amparou na sociopoética, o que permite vivenciar a pesquisa compreendendo o todo e as partes enquanto construção coletiva de conhecimentos e saberes. O resultado das produções mostra o impacto e o fortalecimento da educação social, presentes no interior do quilombo. Nesse sentido, argumentamos a necessidade do diálogo permanente entre universidades públicas com espaços sociais e culturais diferentes da cultura acadêmica, mas que não deixam de construir complexas e inteligentes percepções de mundo e de vida.

**Palavras-chave:** Educação. Resistência. Estudo Decolonial.

## **90 YEARS OF THE QUILOMBO PORTÃO DO GELO: educational processes, confrontations and resistance in the context of a pandemic.**

**Abstract:** This article results of an extension work carried out in the quilombo Portão do Gelo. The transformative experiences emerged that highlighted the cultural, political and educational

---

<sup>1</sup> Possui Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco, Mestrado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco. Professora Associado I da Universidade Federal de Pernambuco. Leciona no curso de Pedagogia e demais licenciaturas no Centro de Educação da UFPE. Professora e Pesquisadora do Mestrado em Direitos Humanos da UFPE e do Programa de Pós-Graduação em Educação. Pesquisa e orienta as seguintes temáticas: Ética e Alteridade; Direitos humanos e Educação em diversos espaços de formação humana. Espiritualidade e Educação.

<sup>2</sup> Auxiliadora Maria Martins da Silva é Doutora em Educação pela UFPE - Universidade Federal de Pernambuco (2011). É mestra em Ensino das Ciências pela UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco (2005). Possui graduação em Pedagogia pela UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco (1982). É Professora Adjunta da UFPE, lecionando as disciplinas: Teoria Curricular, Pesquisa em Práticas Pedagógicas Curriculares, Seminários Educação, Escola e Currículo e Educação em Africanidades e Afrodescendências. É Assessora Pedagógica da RAEPE - Rede de Afroempreendedores/as de Pernambuco, atuando com formação de professores/as, afroempreendedorismo e afrofuturismo. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Formação Continuada e Gestão Educacional, atuando, principalmente, nos seguintes temas: Africanidades e Afrodescendências, Equidade étnico - racial na educação, Educação antirracista, Negro no livro didático, Arte Afro - brasileira, tendo criado O Festival de Dança do GEPAR - Quando Danço, Encanto; o Festival de Música do GEPAR - A vez da Minha Voz e o Festival de Cinema Negro GEPARWOOD. É membro da Biograph - Associação Brasileira de Pesquisa Autobiográfica. É criadora e líder do GEPAR - Grupo de Estudos e Pesquisas em Autobiografias, Racismos e Antirracismos na Educação. É esposa de Flávio Valdez, faz 39 anos, mãe de 3 filhos/a, avó de 5 netos/as, pesquisadora, mas, também militante negra, mulher da família e do mundo da vida. Membro da Comissão de Heteroidentificação da UFPE. Imortal da AILA - Academia Internacional de Letras e Artes, sessão Pernambuco.

importance of quilombo. Through various activities, it became possible to understand the strength that the quilombo develops to survive, as well as the relevance of its members' resistance against structural, institutional, and religious racism, undertaking actions to value black culture. The activity dialogued with the decolonial theoretical perspective. The methodological field was supported by sociopoetics, which allows experiencing the research comprising the whole and the parts as a collective construction of knowledge. The result of this production shows the impact and strengthening of social education present within the aforementioned quilombo. In this sense, we argue the need for permanent dialogue between public universities with social and cultural spaces that are different from academic culture, but that do not fail to build complex and intelligent perceptions of the world and of life.

**Keywords:** Education. Resistance. Decolonial Study.

### **90 AÑOS DEL QUILOMBO DO PORTÃO DO GELO: procesos educativos, enfrentamientos y resistencias en el contexto de la pandemia**

**Resumen:** Este artículo es el resultado de un trabajo de extensión realizado en el quilombo Portão do Gelo. Surgieron experiencias transformadoras que resaltaron la importancia cultural, política y educativa de este quilombo. A través de diversas actividades se pudo comprender la fuerza que desarrolla el quilombo para sobrevivir, así como la relevancia de la resistencia de sus integrantes frente al racismo estructural, institucional y religioso, emprendiendo acciones de valorización de la cultura negra. La actividad dialoga con la perspectiva teórica decolonial. El campo metodológico se apoyó en la sociopoética, lo que permite vivir la investigación que comprende el todo y las partes como una construcción colectiva de saberes y saberes. El resultado de las producciones muestra el impacto y fortalecimiento de la educación social presente dentro del quilombo mencionado. En este sentido, argumentamos la necesidad de un diálogo permanente entre las universidades públicas con espacios sociales y culturales diferentes a la cultura académica, pero que no dejen de construir percepciones complejas e inteligentes del mundo y de la vida.

**Palabras clave:** Educación. Resistencia. Estudio Decolonial.

### **Introdução**

Este artigo é resultante de um trabalho de extensão realizado em plena pandemia de Covid-19 no contexto brasileiro. Certamente este é um período que marcará a memória e a vida de milhões de brasileiros. Não somente por causa do vírus em si, mas por toda a trajetória política implicada no adoecimento do tecido social, uma vez que essa se identifica com um projeto de poder governamental atrelado à ascensão do modelo econômico, identificado com as políticas de extrema-direita. Está paralelo ao chão das ações voltadas para a solidariedade social, assim como está em ascensão o nacionalismo, o conservadorismo cristão, racista, masculino, rico e branco. Desse modo, as pessoas que estão nas margens sofrem diretamente e mais de perto as consequências desta política de desobrigação para

com o social, uma vez que não estão inclusas nesta carta, e esta traz uma receita de não empoderamento, pois se pauta pela lógica da mercadoria.

Na direção da crítica política para com as populações que se encontram na base da pirâmide social, foi pensado este projeto de extensão. Foi um trabalho realizado ao longo de 2020, porém, nossas articulações políticas, culturais e pedagógicas com o quilombo Portão do Gelo têm sido recorrentes através de projetos outros. Portanto, o quilombo é um território próximo às pesquisadoras, um território de afetividades geradoras de significativas experiências de aprendizagem em uma perspectiva de integralidade, ou seja, nos transformando em várias dimensões.

Não estamos perto de compreendermos as repercussões globais sobre os impactos da pandemia de Covid-19. Milhares de pessoas foram afetadas de maneiras drásticas, desde as vidas perdidas diretamente, em decorrência da doença – chegando, em setembro de 2021, ao registro de mais de 580 mil mortes apenas no Brasil, somadas aos mais de 2 milhões no mundo inteiro – até outras consequências mais visíveis, como a situação econômica da população de baixa e média renda que, em decorrência do isolamento social, e de quase inexistência de políticas sociais, perderam poder aquisitivo e/ou ficaram desempregadas.

Até o momento do fechamento deste artigo, a cidade do Recife contabiliza 4015 mortes em decorrência do Covid-19, perfazendo um total de 14.798 em Pernambuco (SECRETARIA DE SAÚDE DE PERNAMBUCO, 2021). Porém, isso não se trata apenas de números ou dados, são vidas humanas perdidas de modo dramático, o que poderia ter sido evitado por meio de vacinas ou outras proteções sociais necessárias.

Neste círculo de graves impactos diretos e indiretos na vida social, o projeto de extensão realizado no quilombo do Portão do Gelo, localizado em Xambá, na cidade de Olinda-PE, foi realizado, apesar das dificuldades imediatas, resultantes do momento epidêmico. Este artigo apresenta o que foi vivenciado no período de março a dezembro de 2020 no projeto de extensão intitulado: “90 anos do quilombo do Portão do Gelo: memória e história do seu líder e guardião, o babalorixá Ivo de Xambá”, coordenado pelas autoras deste texto.

De modo amplo, afirmamos que a existência de quilombos no cenário geográfico brasileiro é consequência da violência contra a população negra, e remonta ao período

escravocrata no Brasil, revelando o caráter do racismo estrutural que se intensifica, apesar dos programas de inclusão social em universidades públicas brasileiras e da criminalização de práticas discriminatórias. A segregação socioespacial e a violência contra pessoas negras e pardas ainda é uma realidade identificada em nosso cotidiano, mas, ao mesmo tempo, são constituídos espaços de resistências e de produção de subjetividades.

O quilombo Portão do Gelo, também é conhecido por quilombo de Xambá, devido a sua histórica participação na vida da comunidade, não é apenas um local para morar, mas um espaço de transformação de vidas, pois existem sentidos construídos por dentro das relações sociais que ultrapassam o aspecto meramente geográfico.

O projeto de extensão aqui em pauta está vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Autobiografias, Racismos e Antirracismos na Educação (GEPAR). Nesse sentido, nosso estudo e pesquisa, ao rastrear e dar visibilidade ao quilombo Portão do Gelo, ao babalorixá Ivo de Xambá, suas memórias e história, colabora para as mudanças no campo da legislação educacional e sua implementação pelos sistemas de ensino, escolas e professores/as. Nossas ações ocorrem através da leitura e da análise dos documentos, da recolha de depoimentos, abertos à discussão sobre a temática da história da educação do negro no Brasil, bem como as mudanças que vêm sendo efetivadas com a elaboração e a análise das políticas e práticas curriculares da educação das relações étnico-raciais e para a elucidação do surgimento de um movimento histórico, teórico e prático, nacional que cultiva a etnicidade e suas fronteiras. Defendemos a democracia e a luta contra as desigualdades étnicas como um problema que diz respeito à vida social de todos os brasileiros constituindo-se, portanto, como um problema de acesso ao poder, via educação e de desequilíbrio em um poder, antes eurodescendente.

Neste artigo, situamos o leitor em torno dos desafios do contexto para a realização deste projeto de extensão, devidamente aprovado nas diversas instâncias da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), assim como apresentamos a experiência materializada no quilombo e o diálogo elaborado a partir de uma perspectiva decolonial, com predominância de filósofos africanos ou afrodescendentes.

## Contexto histórico e geográfico do quilombo Portão do Gelo

Consideramos importante apresentar a Nação Xambá, instalada em 1951 no bairro de São Benedito, em Olinda, num espaço geográfico conhecido como o Portão do Gelo. Essa Nação Xambá tem origem na África e teve como precursor, no Brasil, o babalorixá Artur Rosendo Pereira, que fugiu de Alagoas para Pernambuco, devido a um movimento chamado Quebra de Xangô, em 1912. Atualmente, o babalorixá Adeildo Paraíso, também conhecido por Ivo de Xambá, é doutor *honoris causa* pela UFPE. O título foi outorgado em 2021, devido ao seu mérito, uma vez que tem se dedicado a cuidar e preservar o acervo cultural do quilombo, assim como tem desenvolvido diversas estratégias políticas para beneficiar a vida de todos e todas que fazem parte do quilombo, pois quase 2 mil pessoas lá residem.

A partir das ações políticas de Ivo de Xambá, o quilombo Portão do Gelo conquistou a implantação de escolas públicas, um terminal de ônibus, ruas pavimentadas e posto de saúde. Está em construção uma pequena biblioteca para a comunidade, com aquisição de livros que contam a história da população negra, livros infantis, entre outros temas afrodescendentes.

A educação escolar tem sido prioridade para as lideranças do quilombo. Embora o terreiro de candomblé seja um fator agregador, não é apenas o aspecto religioso que permanece em tela, mas a melhoria das condições de vida da população que lá reside, incluindo a educação e o desenvolvimento da cultura oriunda da história dos povos negros e que é incentivada, motivada e valorizada, enquanto uma expressão estética presente na história dos descendentes da pátria África.

A valorização da educação está presente nas ações políticas do quilombo, pois as oportunidades para cursar a escola pública não acontece da mesma forma para brancos e negros. Ainda predomina a ideia de mérito social e desconhecem-se as condições históricas de que as oportunidades não são as mesmas para negros e brancos nos espaços brasileiros.

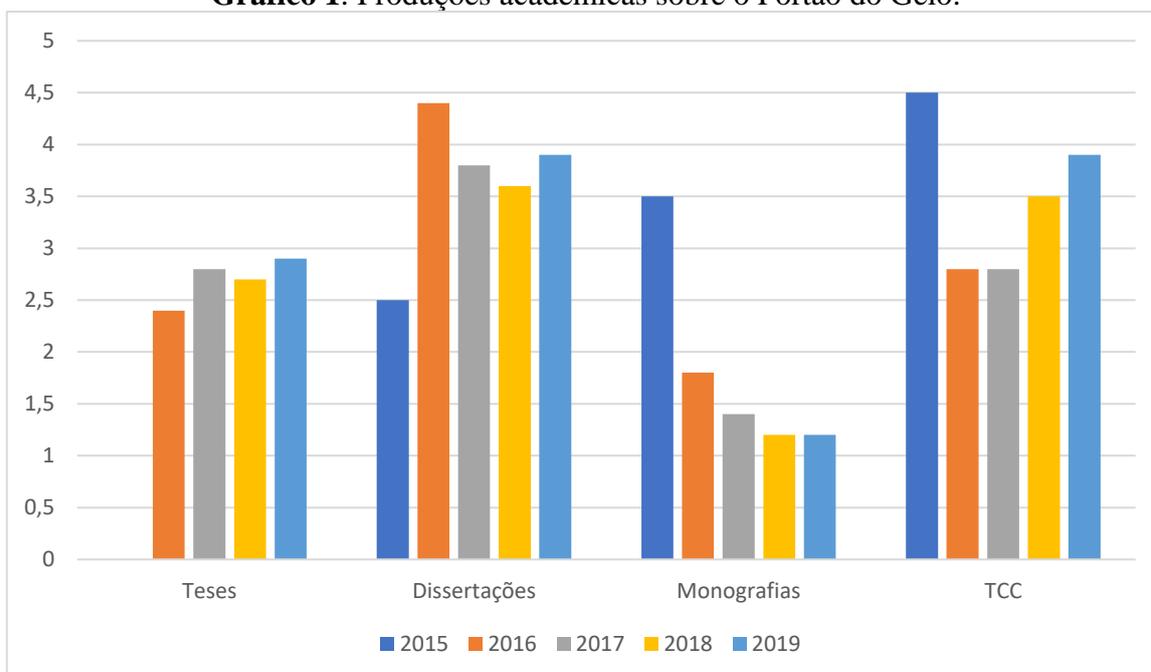
A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 368) afirma a necessidade de oportunizar aos estudantes que identifiquem “a presença e a sociodiversidade de culturas indígenas, afro-brasileiras, quilombolas, ciganas e demais povos e comunidades tradicionais para compreender suas características socioculturais e suas territorialidades”, entretanto, não

basta a intenção de um documento, embora este seja um aspecto relevante. Sabendo disso, a comunidade do quilombo Portão do Gelo tem pautado todo o seu trabalho para materializar o que está presente em documentos oficiais, uma vez que a exclusão da população negra e parda é histórica, e não pode ser enfrentada apenas com a letra presente nos decretos e demais legislações oficiais. A luta por uma educação escolar, pública e de qualidade vem associada à luta por uma sociedade antirracista.

O racismo é um aspecto estruturante da sociedade brasileira, portanto, está presente no dia a dia de diversas formas, como a negação de direitos básicos à população negra, em sua maioria pobre. Portanto, o quilombo Portão do Gelo não é somente um espaço geográfico, mas se constitui em um local significativo para seus habitantes, devido aos laços históricos, culturais e afetivos que os une.

O quilombo tem sido objeto de diversificados estudos em dissertações, teses, monografias e trabalhos de conclusão de curso (TCCs) de graduação. Em uma pesquisa realizada no Scholar Google com o descritor “Nação Xambá” encontramos 282 trabalhos, assim distribuídos:

**Gráfico 1:** Produções acadêmicas sobre o Portão do Gelo.



Fonte: Elaboração própria.

A maior quantidade de produções acadêmicas está distribuída entre as dissertações de mestrado e TCCs. Predominam análises nas áreas de Geografia, História, Educação, Administração, Antropologia e Serviço Social. Isso demonstra que há um interesse diversificado nos variados aspectos em torno da Nação Xambá, seja quanto ao aspecto religioso, político, cultural ou étnico desenvolvido em seu território.

De acordo com os nossos registros de entrevistas com o pai Ivo de Xambá, a “marca da resistência” está presente desde os primeiros momentos de maio de 1938, quando foi declarado, pela polícia da época, a proibição de cultos africanos na região. Portanto, resistir tem sido o que mantém a Nação Xambá viva até o momento presente. Conforme o depoimento do seu líder, Ivo de Xambá: “as mulheres tiveram relevante papel para a manutenção de Xambá enquanto patrimônio cultural, são elas: Maria Oyá, Mãe Biu, Mãe Tila, Tia Laura, Mãe Maria de Lourdes e a yalorixá Mãe Denilda.” O núcleo feminino do Xambá é atuante, forte e expressivo. Apesar da Carta de 1988, em seu artigo 5º, “declarar que é inviolável a liberdade de consciência e de credo, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a sua liturgia”, permanecem as lutas contra o ódio e a violência que ainda perduram.

O jornal *on-line* da BBC, de 21 de janeiro de 2016, confirma o que a Nação Xambá já sabe, ou seja, 70% das ações intolerantes contra credos religiosos são dirigidos aos cultos de matriz africana. Predominam resquícios dos tempos da escravidão, quando as referências culturais africanas eram negadas, silenciadas ou apagadas. As relações sociais contemporâneas estão marcadas por essa herança colonial, o que justifica a nossa análise da situação a partir das referências decoloniais, com ênfase nas ideias de Fanon (2012) e Mbembe (2016).

É nessa direção que entendemos a relevância do trabalho de pesquisa e de extensão se pautar na crítica contra tendências colonizadoras, que negam a possibilidades de outras visões de mundo além das construídas pela intelectualidade branca, europeia e que predomina nos círculos acadêmicos. Negamos os epistemicídios dos povos indígenas e dos povos negros, assim como rejeitamos a destruição das respectivas etnias. Na esteira das ideias de Julius Nyerere (2000, p. 187), “a educação não é uma maneira de escapar à pobreza, é uma maneira de lutar contra ela” e as ações no terreiro da Nação Xambá transcorrem nessa

direção. Lá foi criado o Grupo Bongar, constituído por moradores do quilombo, e liderado pelo sociólogo e músico Guitinho da Xambá, falecido aos 38 anos, em fevereiro de 2021. A Festa do Coco, que acontece todos os anos no dia 29 de junho, tem sentido cultural, político, social, religioso, agregando mais de 5 mil pessoas todos os anos que querem participar deste momento de trocas simbólicas com a cultura africana. Esta festa se constitui em uma ação também educativa.

Na diversidade de ações políticas, está a pavimentação das ruas em Xambá, o carnaval de ruas enquanto preservação da cultura. No mesmo sentido, o Memorial Severina Paraíso da Silva, que abriga artefatos históricos e culturais do terreiro, assim como a biblioteca pública em construção para incentivar a leitura, o aprendizado e o conhecimento histórico, literário e educativo das culturas negras. Esses são alguns dos relatos que Ivo de Xambá concedeu para a nossa pesquisa, assim como convivemos de perto com a magia da música do Grupo Bongar, participamos das alegrias das festas populares promovidas no quilombo de Xambá e de cultos religiosos que imprimem beleza ao tempo do sagrado que habita em nós.

Os povos africanos foram subtraídos da história, considerados não humanos, brutalizados, violentados, excluídos, espoliados, assassinados, humilhados, escravizados pelos povos brancos, europeus e brasileiros que queriam enriquecer de qualquer modo. A sociedade atual continua sua narrativa de inferioridade dos negros em relação aos brancos. Tendo em vista essa realidade, questionamos a Ivo de Xambá: quem é, para ele, o ser inferior? Ele considera mais importante demonstrar aspectos qualitativos e milenares das filosofias e das ciências ancestrais desenvolvidas no antigo Egito, na África do Sul, a exemplo da filosofia do Ubuntu, que até hoje traz suas contribuições para o mundo, entre outras. Sua postura político-pedagógica se coaduna com a percepção de Silva (2007, p. 490) ao destacar que:

[...] o processo de educar as relações entre pessoas de diferentes grupos étnico-raciais tem início com mudanças no modo de se dirigir umas às outras, a fim de que desde logo se rompam com sentimentos de inferioridade e superioridade, se desconsiderem julgamentos fundamentados em preconceitos, deixem de se aceitar posições hierárquicas forjadas em desigualdades raciais e sociais.

Existe a consciência da especificidade da luta, mas ela não acontece de modo agressivo. Há toda uma expressividade no conjunto das ações realizadas no quilombo de Xambá que garante a coesão do grupo, a valorização da cultura afro-brasileira e a sobrevivência política e cultural. O processo educativo que se vivencia por dentro da Nação Xambá possibilita:

1 – Olhar para as origens ancestrais do grupo e a importância de se desenvolver um protagonismo coletivo, em vista da valorização dos aspectos históricos e culturais.

2 – Compreender as imposições mercadológicas da hegemonia capitalista, notadamente eurocêntrica, pois ajuda a entender a força que o processo de resistência pode exercer na vida da comunidade em busca por direitos sociais.

3 – Desenvolver um processo de comunicação com as demais culturas e povos que buscam dialogar com a cultura do território da Nação Xambá.

Assim, é possível identificar a existência de ações e propostas que visam fortalecer o quilombo do Portão do Gelo enquanto um espaço de convivência e, ao mesmo tempo, de aprendizagens política, cultural e educativa.

### **Caminhos de resistências e enfrentamentos em tempos de pandemia.**

Este projeto de extensão foi vivenciado em um tempo de pandemia, quando o vírus da Covid-19 ceifou milhões vidas, trazendo medos diversos: de perder a vida, de perder alguém querido, de perder trabalho, de perder a saúde, de perder... Medo de perder é a palavra-chave que identifica esse momento tenebroso para uma quantidade expressiva de pessoas no mundo inteiro. Particularmente no Brasil, sabemos, hoje, que muitas vidas poderiam ter sido salvas se houvesse uma política pública preventiva de saúde, mas não houve. Grupos expressivos no poder político negaram o valor da ciência, incentivaram o contato social, o uso de medicamentos comprovadamente inúteis para o novo coronavírus. Infelizmente, as consequências se fizeram presentes em muitos âmbitos da vida, seja na economia, na forma de se trabalhar – uma vez que há a necessidade de se realizar algumas funções de modo remoto, como a educação escolar, por exemplo.

Esse momento da pandemia foi muito grave para as pessoas que vivem no quilombo. Além da ameaça do vírus, a área onde se localiza o quilombo ficou em uma situação difícil após um temporal de chuvas em dias seguidos, o que provocou inundações e alagamentos, dificultando ainda mais as condições de vida. Isso ocorreu em 2020, mas felizmente, a comunidade tem se amparado, ao longo dos anos de sua existência, o que faz surgir ações de solidariedade mútua, pois nem sempre é possível contar com o apoio dos poderes públicos.

Ivo de Xambá, afirmou ao longo de nossas conversas, a relevância da atitude de solidariedade na comunidade, uma vez que é a “ação da ajuda coletiva que se mostra determinante para a permanência da vida no quilombo, em diversos momentos difíceis, é o amparo do outro que torna a vida no quilombo menos amarga.” Nessa direção, Fanon (2019, p. 205) ressalta a importância de se desviar “das vozes desumanas que foram as de seus ancestrais a fim de que nasça uma autêntica comunicação [...] num esforço de desalienação para a liberdade”, de modo que haja uma consciência de se superar todas as formas de opressão. Isso pode ocorrer através desse trabalho coletivo, educativo e de diálogo entre brancos e negros.

Portanto, as ações extensionistas realizadas no quilombo, metodologicamente foram inspiradas na sociopoética, enquanto uma forma de escutar narrativas. Trata-se de um modo de pesquisa considerando como uma forte aproximação com o território e com as pessoas que participam da investigação. É um formato de ações permeadas pela escuta sensível, pelas trocas de ideias e pelo aprendizado coletivo (do pesquisador da universidade e dos participantes, que também vão se constituindo pesquisadores). Estas ações foram tecidas com retalhos do nosso saber acadêmico, assim como dos tecidos bordados pelo babalorixá Ivo de Xambá, e resultaram em laços e fios que servem até hoje para nos conectar a uma proposta de vida educativa e política simultaneamente.

Nossa posição metodológica assume um posicionamento ético-político, ou seja, temos uma responsabilidade para com este segmento social – os quilombolas, as pessoas negras –, excluído secularmente até os dias atuais. As narrativas potencialmente representam tempos vivos, afetivos e singulares para nossa memória (BOSI, 2005), de modo que há um deslocamento de muitas nuances da autobiografia, presentes nas narrativas, mesclando momentos coletivos e individuais. São movimentos de inteireza, presentes na narrativa o

corpo, as emoções, as memórias, os afetos diversos, portanto, as etapas das narrativas neste projeto foram denominadas de movimentos.

**O primeiro movimento é para adentrar no terreiro** – é necessário entender que o Aiyê e o Orum<sup>3</sup> estão sempre em interação, isto é, o mundo material, físico e o mundo espiritual estão conectados entre si. Portanto, para chegar junto do universo existencial do quilombo Portão do Gelo, foi necessário o movimento de respeitar todo o sagrado território que se abria para a nossa chegada, professoras, estudantes, bolsistas que participaram do projeto. Estávamos diante de um babalaô com bastante sabedoria espiritual e responsável pelo culto iorubano, especialista na interpretação das respostas do Ifá (oráculo regido pela divindade Orunmilá). As portas se abriram para nós com generosidade, beleza e alegria. As gravações para as entrevistas foram iniciadas e ficamos conhecendo muito de história africana.

Pai Ivo discorreu com profundidade sobre diversos povos que compõem o cenário cultural africano, como os Bambaras, Hauçás, Senegaleses, Banto, Igbo, entre outros. A nossa curiosidade se ampliou e nos foi ensinado o significado de muitas palavras em iorubá, idioma falado em grande parte da Nigéria e em outros países africanos. Temos uma herança tão forte e bela desses povos, mas insistimos em falar apenas outros idiomas vindos da herança colonizadora. Poderíamos falar, além da língua portuguesa, o iorubá, mas o preconceito e a desvalorização das línguas africanas jogaram no esquecimento essa possibilidade de aprendizado.

Nesse movimento de adentrar o espaço do quilombo, também aprendemos mais sobre a história do Egito, de Gana e outras referências importantes para o líder espiritual Ivo de Xambá. Aprendemos o sentido de ser africano ou ser descendente de africanos, pois nosso entrevistado se identifica como africano, sim, não esquece suas raízes, seu povo e reafirma sua identidade. É brasileiro e africano simultaneamente. Traz o sentido da interculturalidade, que não é apenas um sentido biológico ou geográfico, mas na perspectiva do diálogo entre culturas, entre saberes; não advoga um panafricanismo, pois para isso seria necessário um

---

<sup>3</sup> As palavras “aiyê” e “orum” são do idioma yorubá; a primeira significa “mundo físico” e a segunda, “mundo espiritual”.

idioma único, uma só Constituição e a unificação de todos os grupos étnicos, longe desta ideia. O sentido atribuído é o de aprendizado mútuo entre as diversas nações e entre os vários povos.

Momento de alegria, refere-se aos risos, uma vez que estiveram presentes ao trazer episódios de sua infância ou de eventos pitorescos que se tornaram inesquecíveis. Este movimento de chegada serviu para os primeiros contatos, para conhecer o espaço de vida, de resistências ao longo desses 90 anos de vida do quilombo.

Nesse sentido, o projeto teve a intenção de ouvir as memórias do seu líder, a fim de produzir dois livros e um documentário para preservar, divulgar, valorizar a cultura negra e contribuir para a reeducação da população com o objetivo de proporcionar o conhecer, o respeitar e o conviver com a diversidade cultural neste espaço social. Nesse momento de pandemia, aprofundaram-se as desigualdades, as assimetrias sociais e a condução de uma necropolítica (MBEMBE, 2016), que define quem merece ou não viver, a partir de uma política para a morte de alguns grupos. Neste caso, os quilombolas estão entre os povos que mais sofreram esse tipo de ação mortal.

Nessa direção, este projeto de extensão buscou alternativas para colaborar no reconhecimento político e sociocultural do quilombo a partir dos depoimentos de Ivo de Xambá, um dos babalorixás mais atuantes de Pernambuco.

**O movimento em direção à sabedoria** – neste movimento, trazemos as narrativas de Ivo de Xambá sobre a importância da educação escolar para a vida de todas as pessoas, especialmente desta comunidade quilombola. Observamos que sua ideia de educação nos remete ao amor, à busca da sabedoria, isto é, uma escola que não se limite a ensinar a ler e a escrever, pois o ser humano precisa “encontrar sentido para a vida ao compreender tudo que nos cerca, a história de quem veio antes de nós e a história que podemos construir a partir de nós.” É desse modo que o pai Ivo de Xambá nos dá a sua interpretação de sabedoria, e não há como discordar dele, pois concordamos com Rios (2012, p. 2), ao afirmar:

A educação é um processo de socialização e criação de saberes, crenças, valores, com a finalidade de ir construindo as sociedades, os indivíduos e grupos que a constituem. É um movimento longo e complexo, no sentido de as pessoas neles envolvidas irem renascendo, a cada momento, junto com os outros.

O exercício de construção do saber necessita do movimento com o coletivo, com as trocas de saberes que possibilitam dialogar com a pluralidade cultural e de ideias. Nesse sentido, é possível afirmar que as formações dos profissionais de educação, na graduação ou continuada, ainda não priorizam o diálogo com outras culturas, notadamente com as culturas afrodescendentes, portanto, dificultam o processo de gerar amor à busca da sabedoria, de modo que a consequência é priorizar os conhecimentos cognitivos, distante da compreensão da cultura do outro que também faz parte da minha cultura. Ou seja, as formações docentes, em sua maioria, estão alienadas do significado cultural dos povos africanos e indígenas.

**O movimento da acomodação da desumanidade** – este é um aspecto importante, extraído na leitura das narrativas do babalorixá Ivo de Xambá, é um movimento que tem sido percebido como ignorância de grande parte das pessoas que preferem se acomodar no preconceito, na materialização de gestos violentos e de uma linguagem intolerante, destruidora de si e do outro. O racismo, na perspectiva do líder entrevistado, traz problemas também para o racista. Ao não reconhecer a humanidade do outro, desumaniza-se a si mesmo, vai perdendo valores, como: respeito, dignidade, liberdade, diferença. Essas são questões basilares para a convivência plural nas sociedades ditas modernas. Portanto, o preconceito racial gera tensão social e não promove uma sociedade legitimamente democrática, enquanto alguns pensam ser superiores a outros.

É pertinente trazer neste espaço a reflexão de Martin Luther King a esse respeito, em suas memórias na luta pelos Direitos Civis da população afrodescendente nos Estados Unidos:

Durante a campanha, havíamos procurado estabelecer algum diálogo com os líderes da cidade em um esforço para negociar os quatro maiores problemas: 1 – A dessegregação de balcões de almoço, banheiros, provadores e bebedouros em diversas lojas de departamentos. 2 – A contratação e a promoção de negros em uma base não discriminatória em toda a comunidade empresarial e industrial. 3 – A retirada de todas as acusações contra os manifestantes presos. 4 – A criação de um comitê birracial para trabalhar em um cronograma a fim de dessegregar outras áreas da vida em Birmingham. (KING, 2020, p. 115).

As lutas contra as necropolíticas (MBEMBE, 2016) estão presentes nos países que implantaram o sistema de escravidão e, portanto, um sistema que gera morte. O preconceito,

seja ele de qualquer matiz, é produtor de morte e de convulsões sociais, que segundo Luther King (2020), não se apazigua com força policial, mas com o reconhecimento dos direitos no plano legal e na materialização de políticas sociais inclusivas. É nessa direção que segue o pensamento de Ivo de Xambá.

Se acomodar ao preconceito é um modo de compactuar com a necropolítica, é concordar com a morte de milhares de outros seres humanos, daí a importância do movimento de resistência através da divulgação dos aspectos políticos e culturais da cultura afrodescendente, mas sem perder a noção de que isso é um processo educativo longo, tenaz e que não despreza o aspecto legal, uma vez que os documentos normativos em forma de lei promovem algum amparo às comunidades quilombolas.

## **Conclusão**

O projeto foi encerrado em meio à pandemia e às dificuldades desse momento, porém resultou na elaboração do material planejado. Em síntese, afirmamos que o quilombo Portão do Gelo resiste e continua em defesa de uma vida com dignidade para a sua população, assim como para todos e todas em situação de exclusão social. Suas frentes de lutas contra o preconceito racial e religioso, a resistência por uma educação pública de qualidade social e de oportunidades dão sustento ideológico contra todas as formas de discriminação que legitimam práticas excludentes de grande parte da população afro-brasileira.

A precariedade de condições materiais e imateriais de sobrevivência e existência; as incertezas diante do que pode vir a seguir nunca foram suficientes para imobilizar o coletivo do quilombo Portão do Gelo, mas um campo de resistências e enfrentamentos da vida social. Em tela se encontra o seu projeto para a educação, que encara a instabilidade nos anos letivos interrompidos com idas e vindas intermitentes, em contexto nacional, a depender dos âmbitos privado ou público e dos níveis de ensino, entre outros fatores.

As narrativas de Ivo de Xambá, nosso entrevistado, denunciam a relevância da educação pública, gratuita e de qualidade para todas as pessoas, independente da condição social, do credo ou da cor da pele. Deixa antever que as opressões raciais persistentes no país e no mundo servem para acentuar os problemas estruturais que a população negra e pobre tem sofrido ao longo dos séculos, assim como desenvolve uma ideia errônea da

superioridade de uma minoria branca. O trabalho para este projeto de extensão revelou-se frutífero em vários sentidos, principalmente quanto ao aprofundamento de diálogo entre o campo do saber científico, promovido pela universidade, e os saberes culturais, políticos e do senso comum, presentes nos relatos autobiográficos de Ivo de Xambá.

Hoje, há uma maior presença de autores acadêmicos africanos, afrodescendentes e africanistas no mundo da academia, mas ainda insuficientes. Portanto, identificamos a relevância de se incentivar a troca de saberes e o diálogo intercultural, trazendo para o espaço da academia saberes outros, necessários para a formação de futuros educadores e educadoras. Ao mesmo tempo, faz-se necessário que a academia dialogue com os saberes que foram negados por tanto tempo, sejam eles de intelectuais ou dos povos que estão nas periferias da vida. O diálogo não deve ser excludente ou seletivo. A partir desse movimento é mais fácil uma prática pedagógica transdisciplinar, olhando para a complexidade e para a integralidade da vida em todas as suas nuances.

As situações de opressões precisam ser denunciadas, e, por dentro das narrativas de Ivo de Xambá veio a sua afirmação que a luta que se desenvolve no Portão do Gelo não é apenas uma luta por melhores condições de vida da comunidade, mas é também contra a opressão e a liberdade de credo religioso, assim como pelo respeito para toda a população de pele negra.

Trazemos a fala de Adotevi (1993, p. 251) sobre a importância que negros e negras devem ter de si próprios: “o reconhecimento da identidade negra passa necessariamente pela reapropriação prática de sua essência de homem e, naturalmente, pela destruição do sistema que o tem negado enquanto homem.” As narrativas de Ivo de Xambá reafirmam a importância da identidade do povo africano e afrodescendente para o cenário de democratização política do país. Sem esse reconhecimento a democracia não estará completa.

Os objetivos do projeto de extensão foram atendidos, resultando na produção dos seguintes livros: “Ivo de Xambá para crianças”, “Ivo de Xambá visto por seus filhos e filhas de sangue e de santo” e “Ivo de Xambá sobre ele mesmo” (autobiografia), todos produzidos pela Editora da UFPE; além disso, produzimos o documentário: “Ivo de Xambá e seu terreiro”. Esse material foi elaborado com o auxílio de todos que participaram do projeto,

que também teve a finalidade de contribuir com a formação educativa de estudantes do curso de Pedagogia do Centro de Educação da UFPE.

## Referências

ADOTEVI, Stanilas. **Négritude et négrologues**. Paris: Union Générales d'Éditions, 1993.

BOSI, E. **Tempos vivos e tempos mortos**. São Paulo: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 2005. Disponível em: <http://culturaeducacao.fde.sp.gov.br/administracao/anexos/documentos/4200091014164722.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/pdf>. Acesso em: 21 out. 2020.

BRASIL. **Constituição Federal do Brasil**. Disponível em <http://constituicaobrasileira.justica.gov.br/pdf>. Acesso em: 25 maio 2021.

FANON, Franz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: UFBA, 2012.

JORNAL BBC. **O ódio racial e religioso aumenta no Brasil**. Disponível em: <http://bbcbrasil.org.br/base/pdf>. Acesso em: 27 nov. 2020.

KING, Martin Luther. **Porque não podemos esperar**. São Paulo: Faro, 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2016.

NYERERE, Julius. **Educação para a Nação Africana**. Angola: Desafio, 2000.

SILVA, Juciara F. **Tempos de educação para um mundo sem preconceito**. São Paulo: Olho d'água, 2007.

PERNAMBUCO. **O desenvolvimento da Covid no Estado de Pernambuco**. Disponível em <http://secretariacaosocial.gov.pe/pdf>. Acesso em: 14 mai. 2021.

RIOS, Terezinha. **Competência Ética**. São Paulo: Cortez, 2012.

SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques. **Prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais: abordagem sociopoética**. São Paulo: Ateneu, 2005.

Submissão em: 11-06-2021

Aceito em: 03-09-2021